



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Religião e espaço urbano: instituições, territórios e lugares de fé a partir do bairro Concórdia em Belo Horizonte-MG

Daniel Medeiros de Freitas
Escola de Arquitetura da UFMG

Sessão Temática 11: Novas interpretações possíveis para a questão urbana e regional

Resumo. O artigo apresenta resultados parciais de pesquisa que investiga o modo como a religião afeta o comportamento das pessoas no espaço urbano. A discussão evita uma perspectiva materialista e funcional do papel das instituições religiosas dentro dos estudos urbanos, propondo uma abordagem centrada no conceito de lugar e sua relação com capitais epistemológicos mobilizados pela visão de mundo dos fiéis. Incorporando autores e conceitos localizados na interface entre análise urbana, geografia e estudos religiosos, o artigo parte de especificidades observadas no bairro Concórdia em Belo Horizonte para delinear uma proposta teórico-metodológica de compreensão da percepção e da ação dos fiéis no espaço urbano.

Palavras-chave. religião; espaço urbano; conceito de lugar; Bairro Concórdia; Belo Horizonte-MG

Religion and urban space: institutions, territories and places of faith from Concórdia neighborhood in Belo Horizonte-MG

Abstract. The paper presents partial research results investigating how religion affects people's behavior in urban spaces. The discussion avoids an excessively materialistic and functional perspective of the role of religious institutions within urban studies, proposing an approach centered on the concept of place and its relationship with epistemological capitals mobilized by the worldview of the faithful. Incorporating authors and concepts from geography and religious studies, the article starts from specificities observed in the Concórdia neighborhood in Belo Horizonte to outline a theoretical-methodological proposal for understanding the perception and action of the faithful in the urban space.

Keywords: religion; urban space; place; Concórdia neighborhood; Belo Horizonte-MG

Religión y espacio urbano: instituciones, territorios y lugares de fe del barrio Concórdia em Belo Horizonte-MG

Resumen. El texto presenta resultados parciales de una investigación que investiga cómo la religión afecta el comportamiento de las personas en el espacio urbano. La discusión evita una perspectiva excesivamente materialista y funcional del papel de las instituciones religiosas dentro de los estudios urbanos, proponiendo un enfoque centrado en el concepto de lugar y su relación con los capitales epistemológicos mobilizados por la cosmovisión de los fieles. Incorporando autores y conceptos de la geografía y los estudios religiosos, el artículo parte de las especificidades observadas en el barrio de Concórdia, en Belo Horizonte, para delinear una propuesta teórico-metodológica para comprender la percepción y la acción de los fieles en el espacio urbano.

Palabras clave: religión; espacio urbano; Barrio Concordia; Belo Horizonte-MG.

Introdução

O artigo integra pesquisa iniciada em 2018 que investiga como a religião afeta o comportamento das pessoas no espaço urbano. A investigação está situada na interface entre os campos da

arquitetura, análise urbana, geografia humana e estudos religiosos e conta com a participação de pesquisadores nacionais e estrangeiros. Trata-se de uma pesquisa interessada em interpretar o significado das práticas de construção de mundo dos grupos religiosos, analisando as narrativas, imaginários históricos, motivações teológicas, formas de organização e conexões externas que influenciam as práticas cotidianas e as interações entre diferentes grupos religiosos. Ao final, pretende-se facilitar o intercâmbio entre os estudos urbanos e os estudos religiosos, ampliando oportunidades para a especulação sobre os mecanismos alternativos de construção de mundo com vista a projetar e produzir espaços de convivência e colaboração religiosa na cidade. O artigo desenvolve um dos recortes adotados pela pesquisa: tencionar o conceito de lugar, a partir de sua tradição fenomenológica, para discutir o modo como a religião afeta e é afetada pelo espaço urbano.

As articulações aqui apresentadas resultam de conversas e visitas a diferentes contextos. O primeiro, um conjunto de entrevistas realizadas em 2018 em duas ocupações urbanas de Belo Horizonte, ainda na fase inicial da pesquisa, em torno do questionamento sobre o papel da fé no cotidiano de cada entrevistado. Esse primeiro contato nos permitiu elaborar um conjunto inicial de questões construídas a partir da relação observada entre o cotidiano dos moradores e a presença de diferentes grupos religiosos no local. Em um segundo momento, durante o afastamento social de 2019-2020, a pesquisa realizou entrevistas *online* com fiéis e líderes religiosos de diferentes grupos religiosos, sobretudo pentecostais e religiões de matriz africana. Esse momento permitiu avançar na dimensão interna das instituições e no cotidiano dos cultos, filiações e eventos relacionados à religião, além de criar um primeiro repertório de relações territoriais e de percepção de lugares (FREITAS, LIMA & PATARO, 2021). Em um terceiro momento, entre 2021 e 2022, partindo do esforço de mapeamento dos templos em Belo Horizonte e da experiência de oferta de disciplina para o curso de graduação em arquitetura e urbanismo, foram realizadas novas visitas e entrevistas com fiéis e líderes religiosos, bem mais articuladas às análises espaciais, incluindo mapeamentos, observações de campo e percepção de alunos e moradores (FREITAS & FERREIRA, 2022). Essa última etapa nos permitiu atrelar de modo mais complexo as práticas religiosas ao espaço urbano, por exemplo, a tipologia dos templos, a relação locacional, o diálogo entre o templo e o entorno e, sobretudo, o modo como a percepção do espaço urbano afeta e é afetada pela dimensão transcendental de cada grupo religioso.

Em sua interface com os estudos urbanos, o tema da religião dialoga com uma literatura nacional que problematiza a crescente influência política, cultural, social e econômica das instituições religiosas (SILVA, 2011; MARIANO, 2014; SPYER, 2020). No entanto, pode-se dizer que essa literatura adota uma perspectiva que privilegia a análise dos efeitos materiais e funcionais da religião sobre as relações sociais, políticas e urbanas, com foco no papel das instituições enquanto agentes que impactam e são impactados por determinações externas à atividade religiosa. A pesquisa utiliza essa literatura para contextualizar os grupos religiosos estudados, além de produzir dados empíricos que preenchem lacunas identificadas sobre o tema, por exemplo, o mapeamento e georreferenciamento de templos religiosos, espacialização de indicadores e correlação entre religião e processos de urbanização. No entanto, procura conduzir a análise para outra dimensão do mesmo fenômeno, buscando avançar sobretudo na compreensão de como a visão de mundo dos fiéis afeta sua percepção e ação na cidade.

Ajuda a compreender essa opção a diferenciação proposta por Droogers (2011) para quem o estudo da religião envolve uma articulação entre três dimensões: externa, interna e transcendental. A dimensão externa, mais alinhada aos estudos citados acima, abrange a compreensão da relação entre cada instituição ou grupo religioso e o conjunto de determinações externas, por exemplo, a relação com outros atores sociais, a dimensão urbana da infraestrutura religiosa, as implicações de localização dos templos, a distribuição demográfica dos fiéis, o diálogo com aspectos culturais de cada contexto, entre outros. Já a dimensão interna envolve a compreensão das regras e hierarquias dentro de cada instituição religiosa e o modo como os diferentes grupos se relacionam nesta dimensão, por exemplo, quais as atribuições e processo de formação de seus líderes, se

existe ou não uma coordenação regional/nacional/transnacional, qual a flexibilidade das interpretações e liturgia de cada grupo, entre outros temas. Por fim, a dimensão transcendental inclui o modo como a fé, em cada grupo religioso, afeta e dialoga com a visão de mundo do indivíduo por meio de suas experiências religiosas e crenças teológicas. Nesse texto, a interface entre a religião e contexto urbano privilegiará o modo como a fé afeta a visão de mundo do indivíduo (*dimensão transcendental*) e como isso opera na constituição de lugares e territórios (*dimensão externa*), uma articulação sempre mediada pela especificidade organizacional de cada instituição religiosa (*dimensão interna*). Para complementar a transposição das três dimensões acima para o território, utilizaremos os conceitos e categorias de *geografia religiosa* e *geografia da religião* tal como propostos por Gil Filho (2021). Para o autor, a *geografia da religião* inclui o estudo dos efeitos das múltiplas relações da religião com a sociedade, cultura e ambiente; enquanto a geografia religiosa estuda a influência da religião na percepção que o homem do mundo e da humanidade.

O artigo trás dois argumentos principais. O primeiro defende que o modo como o indivíduo apreende e externaliza sua religiosidade se estrutura a partir de dois comportamentos. Um comportamento que poderia ser identificado como um movimento “introspectivo”, no qual o indivíduo mobiliza sua fé enquanto proteção e fortalecimento espiritual para enfrentar e suportar o mundo exterior/secular. E um comportamento orientado por um movimento “exteriorizado”, no qual o indivíduo mobiliza sua fé para construir próteses externas de proteção e, ao mesmo tempo, de expansão da esfera religiosa sobre o mundo secular.

Nosso segundo argumento defende que esses comportamentos “introspectivo” e “exteriorizado” são determinantes na constituição do que poderíamos chamar de um *habitus* dos fiéis, em termos *bourdieanos*, uma predisposição para a leitura e ação dos espaços urbanos que afeta e é afetada pelo modo como indivíduo se relaciona com o sistema de objetos e ações na cidade. Nesse sentido, por meio da constituição de uma epistemologia particular a cada grupo religioso, os fiéis estruturam percepções e comportamentos específicos.

Para compreender a constituição desse *habitus*, dialogaremos com o trabalho de Robertson (2021) que argumenta que as estratégias de legitimação observadas em cada campo de poder são estruturadas a partir do que ele chama de capital epistemológico, cuja identificação “não mapeia o que você sabe, mas como você sabe” (ROBERTSON, 2021, p.28). O autor enumera cinco tipos de capital epistemológico dominante: o conhecimento científico, a tradição, a experiência, o conhecimento canalizado (conhecimento que vem de um agente externo) e o conhecimento sintético (narrativas sugestivas criadas a partir de fragmentos). Em tempo, a opção por mapear não o que se sabe, mas com se sabe, está alinhada a uma proposta de não privilegiar a análise da dimensão material da infraestrutura religiosa (abordagem mais próxima da *geografia da religião*, tal como colocado anteriormente) que colocaria em primeiro plano, por exemplo, o mapeamento das instituições e concentração de fiéis ou a delimitação dos territórios e lugares na cidade. Busca-se, em vez disso, desvelar o modo como a religião atua na constituição dessa espacialidade (abordagem mais próxima da *geografia religiosa*).

A seguir, a primeira parte do artigo parte da descrição de duas visitas realizadas no bairro Concórdia em Belo Horizonte, a partir das quais descreveremos um conjunto de percepções a partir de conversas com moradores, alunos e líderes religiosos. A segunda parte, visando o aprofundamento dos aspectos teórico-metodológicos, analisa o potencial papel da percepção na constituição de lugares e territórios com ênfase na religiosidade em direção à compreensão de um *habitus* estruturado a partir de seus capitais epistemológicos. Em diferentes momentos, a presença das religiões de matriz africana no bairro será relacionada com o contexto mais amplo de crescimento dos grupos religiosos evangélicos, sobretudo pentecostais, frente de investigação que integra a pesquisa, mas que não será diretamente trabalhada neste artigo.

Instituições religiosas, territórios e lugares do bairro Concórdia

O bairro Concórdia está localizado próximo à área central de Belo Horizonte e seu histórico de urbanização foi determinante para um conjunto de especificidades de uso e ocupação do solo em relação aos bairros do entorno e demais bairros pericentrais. O bairro foi planejado e construído em 1929 para abrigar o reassentamento de uma vila operária que ocupava a oitava sessão urbana do projeto original de Belo Horizonte, atual bairro Barro Preto. Houve na época o entendimento de que a localização de uma vila operária dentro da área nobre e planejada não condizia com o plano de ocupação do projeto original. FERRARI LIMA (2009) destaca uma particularidade do reassentamento realizado na época: o tipo de contrato de propriedade adotado e, nos anos seguintes, a legislação urbana vigente, impuseram um padrão de ocupação caracterizado por mais de um proprietário por lote, o predomínio de tipologias populares e uma baixa oferta de lotes vagos. Esses fatores funcionaram como um obstáculo à ação do mercado imobiliário, mantendo a maior parte dos moradores e seus herdeiros no bairro. Agravou essa condição o fato de que, embora o reassentamento da vila operária tenha ocorrido em 1929, o abastecimento de água e a pavimentação das ruas aconteceu somente nas décadas de 1970 e 1980 respectivamente, contribuindo para estigmatizar a região e diminuir ainda mais o valor de mercado dos lotes. Com o preço menor que o praticado em outras regiões, os moradores ficavam sem alternativa de negociar a terra urbana e cada vez mais adensavam os lotes existentes com novas edificações, geralmente da mesma família. Esse histórico foi descrito nas entrevistas como determinante para a identidade do Concórdia e, também, para a manutenção dos vínculos familiares, característica que exerce, veremos, notória influência sobre a percepção de um conhecimento ancestral atrelado à prática religiosa no bairro.

Também foi mencionada nas entrevistas a diferenciação entre a porção do bairro mais planejada e valorizada, com maior presença de brancos, e outra periférica, com maior presença de negros, trazendo para a percepção de identidade do bairro uma dimensão racial adicional. Ainda hoje, o percentual de negros e pardos é maior no Concórdia em relação aos bairros do entorno, com exceção da maior concentração observadas nas áreas de vilas e favelas, confirmando a estrutural correspondência entre raça e classe social no país (Figura 1). Nas entrevistas realizadas, há moradores que atribuem ao Concórdia o título de “pequena África”, não apenas em função da presença de negros e negras, mas sobretudo em função da maior visibilidade das religiões de matriz africana.

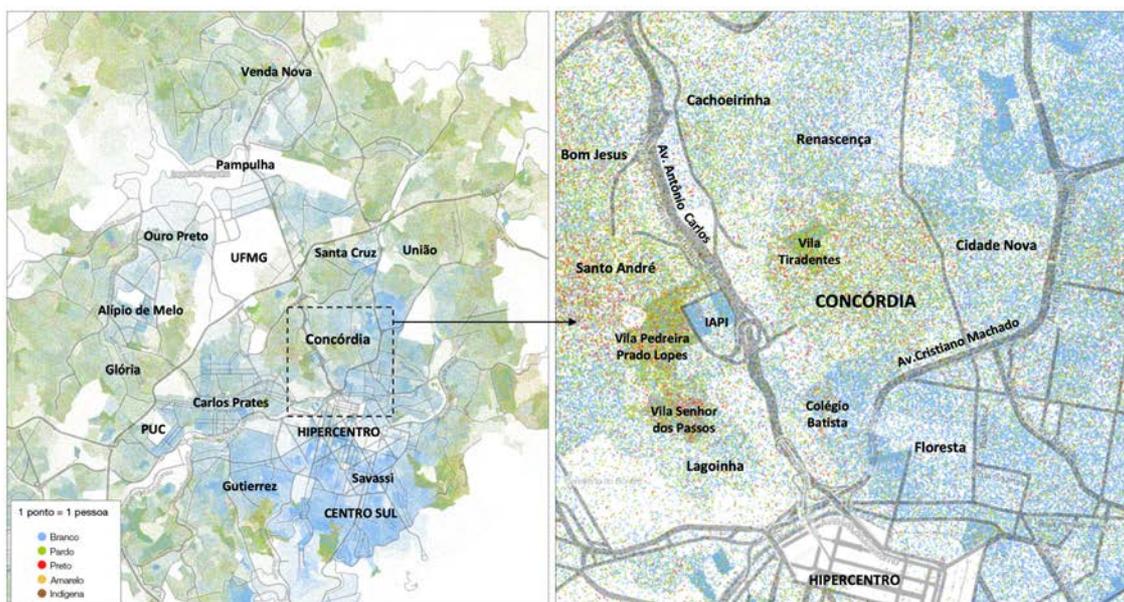


Figura 1. Concentração de negros e pardos no bairro Concórdia em relação a seu entorno.
 FONTE: Elaborado a partir de Mapa Racial do Brasil, elaborado por patadata.org. Acesso em 01/11/2022.

O mapeamento das instituições religiosas do bairro realizado ao longo de 2021, confirma a elevada concentração de terreiros no Concórdia em relação ao restante do município (Figura 2). Diferentemente dos bairros Serra, Lagoinha, Carlos Prates, Aparecida e Área Central, onde também realizamos visitas a campo com foco na identificação de terreiros, no Concórdia os terreiros são mais visíveis e reconhecidos a partir de identificações na fachada das edificações. Completando a maior visibilidade das religiões de matriz africana no bairro, identificamos ainda uma agenda de eventos ligados à religião que exercem importante papel na conformação do território e visibilização da religiosidade de matriz africana. Cabe o registro do tratamento desigual para os terreiros e os templos cristãos em relação ao reconhecimento do poder público. No Concórdia, embora a prefeitura tenha realizado esforço de mapeamento de terreiros, nenhum deles recebe proteção enquanto patrimônio histórico e cultural e nenhum deles recebe isenção de impostos ligada ao exercício de atividade religiosa.

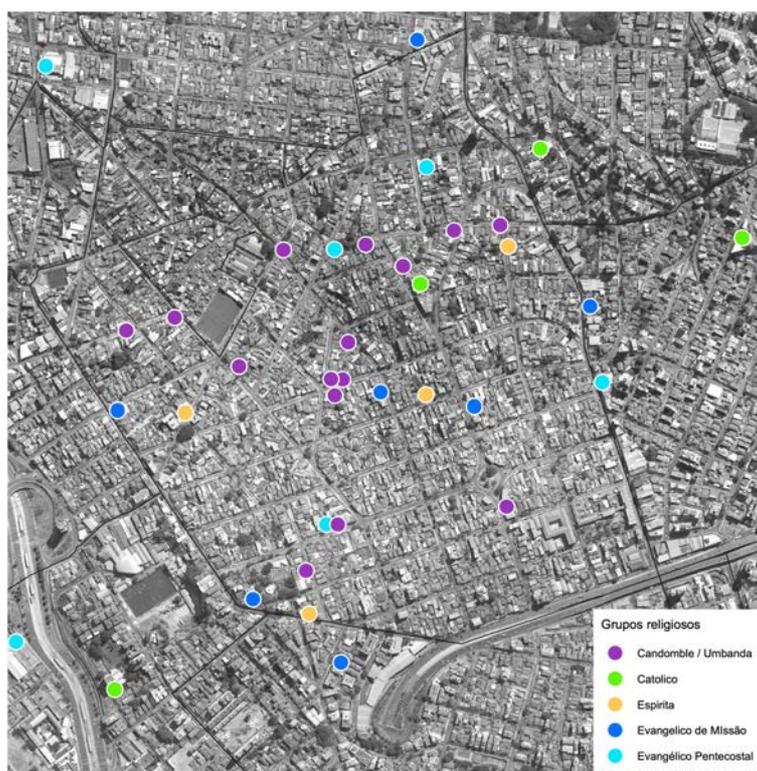


Figura 2. Mapeamento dos espaços religiosos do bairro Concórdia.
FONTE: Elaborado pela pesquisa.

Feita essa primeira contextualização, realizamos, em setembro e outubro de 2022, duas visitas ao Concórdia. A primeira, um percurso ao longo dos principais templos mapeados e uma visita à *Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e Centro Espírita São Sebastião – Centro de Umbanda*. A segunda, um percurso e evento coordenados pelo grupo *Baticum Tenda Cultural*. Neste artigo, será dada maior ênfase ao percurso realizado do que às conversas e falas dos líderes religiosos, das quais serão apresentadas apenas as falas mais diretamente relacionadas ao espaço urbano. A opção procura não descontextualizar ou simplificar as falas relacionadas às dimensões internas de cada grupo religioso, bem mais abrangentes que o objetivo do artigo.

A primeira impressão da Praça México, localizada na parte “planejada e branca” do Concórdia, foi a de que o bairro não difere muito dos demais bairros pericentrais de Belo Horizonte. O padrão construtivo, a ambiência, os eixos viários, as centralidades e o padrão residencial horizontal denso era o esperado. A semelhança com outros bairros diminui à medida que nos afastamos da Praça

México. As tipologias residenciais ficam mais densas e com características mais preservadas, além de quintais maiores e mais bem arborizados. Neste trecho, a topografia fica mais acidentada e revela vistas cada vez mais amplas para os bairros vizinhos. Em uma subida muito íngreme encontramos, lado a lado, as duas primeiras edificações religiosas, uma de matriz africana e uma pentecostal. Continuando o percurso em direção à borda do bairro, encontramos uma igreja batista de arquitetura excessivamente institucional com revestimentos novos e impressão de pouca relação com o entorno imediato. Mais adiante, percorrendo a rua comercial no limite do bairro, uma edificação semelhante da Igreja Batista da Lagoinha, grupo que possui 600 unidades no Brasil e no exterior e cuja sede está localizada no bairro vizinho da Lagoinha. A instituição, cuja complexidade não conseguiremos aprofundar nesse artigo, possui uma especificidade em relação às demais Igrejas Batistas: uma postura mais carismática de expansão, mais próxima dos grupos pentecostais do que da tradição observada em outras nomeações Batistas. Somente na fronteira entre os dois bairros foram identificadas oito edificações do grupo, três delas abrigando templos religiosos de porte médio.

A partir das conversas realizadas pode-se dizer que, apesar da proximidade, não há um conflito explícito entre os grupos religiosos no bairro. Conforme observado por um dos alunos, a maior visibilidade das religiões de matriz africana e o modo como se apropriam dos espaços públicos parece conformar um território de maior segurança para essa prática, inclusive no limite entre os bairros Lagoinha e Concórdia. Em relação ao sincretismo entre as religiões de matriz africana e o cristianismo, nossa experiência de campo demonstra que, embora ocorram conflitos isolados (geralmente de grande visibilidade na mídia), o cotidiano pode ser caracterizado como de tolerância entre os grupos, inclusive dentro de uma mesma família. No espaço urbano, mesmo onde existem territórios bem caracterizados de uma ou outra religião, não foram identificadas restrições ou barreiras evidentes.

Quando o percurso retorna para dentro do bairro, em direção à Praça Gabriel Passos, a ambiência descrita anteriormente se reestabelece. Na praça, três gameleiras brancas, árvores de grande simbologia para as religiões de matriz africana, conformam uma espacialidade diretamente relacionada às religiões de matriz africana do bairro. Subindo uma rua sem saída e que começa com uma escadaria íngreme chegamos à sede da *Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e o Centro Espírita São Sebastião – Centro de Umbanda*, onde fomos recebidos pela D. Isabel.

A visita não foi a primeira realizada pela pesquisa a uma sede de congado, umbanda ou candomblé, mas a percepção inicial, e que se confirmaria, era de que ali havia maior acolhimento e interação. Nas visitas anteriores, mais formais, a impressão era de um certo distanciamento e formalidade, semelhante ao observado em outras instituições religiosas. Uma exceção havia sido uma visita realizada meses antes à presidente da irmandade e capitã de reinado, D. Neuza, onde tivemos semelhante percepção de acolhimento. No entanto, na visita à D. Isabel, a presença de um grupo maior de alunos, diferente do reduzido grupo de pesquisadores na casa de D. Neuza, parece ter contribuído para um acolhimento ainda maior e uma maior diversidade de assuntos abordados. Mais próximo do nosso tema, foi determinante para a percepção de acolhimento a indiferenciação entre o espaço religioso e o ambiente residencial, aspecto destacado na fala das duas mulheres. D. Isabel, após nos receber com abraços e cumprimentos individuais, ressaltou a importância do “cuidado para quem abre a casa”, espaço sagrado e protegido pela sua fé.

A longa conversa com a anfitriã enfatizou a ancestralidade e história da família e do grupo religioso, além de temas relacionados ao racismo e desigualdade, mencionando com precisão o histórico de urbanização do Concórdia, as diferenças entre a Praça México e a Praça Gabriel Passos e a importância dos eventos religiosos para a visibilidade e territorialização da religião. Perguntada sobre o papel do planejamento urbano e o que os alunos deveriam considerar nessa profissão, D. Isabel mencionou o cuidado com o sagrado e a importância de entender que o que é sagrado é “sagrado para cada um”. Em seguida, a anfitriã mencionou a história de Paulo de Tarso e o modo

como ele teve de lutar contra as estruturas que ele mesmo ajudou a construir, uma crítica precisa e oportuna ao planejamento e seus efeitos sobre a cidade.

A constituição de território a partir da visibilidade dos eventos religiosos, segundo D. Isabel (GASPARINO & TORRES, 2021) tem uma importância relacionada com a aceitação e expansão da religião, uma vez que “quando vamos para a rua, para o espaço urbano, nos submetemos aos olhares daqueles outros que não estavam esperando nos ver e que não têm noção do que é o Reinado, o Rosário ou o Congado e podemos alcançar mais pessoas”. No entanto, há uma percepção de finalidade transcendental, uma vez que “à medida que vai passando esse povo poderoso, com uma força magnífica e ancestral, cada passo que ele caminha nesse espaço urbano vai transmutando as energias: as negativas em positivas, as ruins em boas, os maus pensamentos em bons pensamentos”. A escala da rua cumpre uma função diferente do culto doméstico, conforme aponta D. Isabel, “o culto doméstico atinge o que tem que atingir, mas quando a gente sai da nossa casa e a contorna, a gente vai além, é uma energia de cura que chega muito mais longe, que tem muito mais alcance”.

O percurso da segunda visita foi desenhado e acompanhado por pessoas ligadas ao espaço cultural *Baticum Tendinha Cultural*. O percurso teve início na Praça Gabriel Passos e, enquanto um dos integrantes explicava a importância do local para a religiosidade, outro percorria as bordas do local, borrifando um líquido com alfazema e pedindo proteção e permissão aos ancestrais para a visita. A mesma alfazema seria utilizada para purificar as mãos do grupo de visitantes. O percurso escolhido privilegiava os terreiros do bairro e os anfitriões explicavam os símbolos nas fachadas e a relação entre os diferentes grupos. Chegando na sede do Baticum, houve uma breve apresentação da edificação, uma palestra interativa sobre percussão, religião e cultura e, ao final, um almoço preparado pelo grupo. A seguir, buscaremos articular essas percepções iniciais sobre o local com o referencial teórico metodológico brevemente apresentado no início da parte seguinte.

Como a religião afeta a percepção do espaço?

Ainda que exerça um importante papel sobre a urbanização e sobre a constituição de lugares e territórios nas cidades, a religiosidade faz parte de um conjunto de temas tradicionalmente invisibilizados pelo planejamento urbano e pouco debatidos no campo dos estudos urbanos (RÜPKE, 2022). Isso faz com que as implicações espaciais sejam quase sempre minimizadas ou invisibilizadas quando se estuda, por exemplo, as implicações do aumento do percentual de evangélicos em todas as cidades brasileiras nas duas últimas décadas, a correlação entre questões raciais e os territórios ligados às religiões de matriz africana e a relação entre a religião e as agendas políticas.

Para compreender a interface entre os campos dos estudos religiosos e urbanos, utilizaremos como ponto de partida o conceito de lugar a partir de sua tradição fenomenológica e suas aplicações pela geografia. A opção se justifica em função de uma tradição orientada pela crítica à invisibilidade da experiência do território pelas teorias e modelos generalistas e pelo aumento do interesse no modo como as pessoas atribuem valor, experimentam e interpretam os espaços que habitam (TUAN, 1990). A escolha também se relaciona às possibilidades de avançar em uma leitura espacial que dialogue com o campo propositivo da arquitetura e planejamento urbano, em especial aos esforços de ler a cidade a partir do outro em direção à adequação e maior acesso à construção de políticas urbanas.

O conceito de lugar abriga uma dupla dimensão, o lugar enquanto identidade e resistência e o lugar enquanto espaço de ação cotidiana (CASTREE, KITCHIN & ROGERS 2003). A primeira dimensão, ainda que fundada em bases mais conservadoras do conceito, tal como apontado e reformulado por Massey (2000), ganha especial relevância quando pensamos no tema da religião,

na medida em, conforme apontado por Chaveiro (2012), o lugar se apresenta como arena para corporeidades em conflito e, ao mesmo tempo, resposta para o sentimento de “desencaixe” contemporâneo, “em razão da necessidade de construção da autoidentidade e do maior esforço de reconhecimento das diferentes mediações e experiências fragmentadas” (p.251). Trata-se de uma dimensão que também abriga discussões relacionadas ao controle, uma vez que abriga estratégias simbólicas de dominação, ou seja, “para operacionalizar o objetivo de cercear a capacidade disruptiva do corpo, sua possibilidade de insurgência, insurrecional, só havia um modo: criar o lugar pela rubrica do controle” (CHAVEIRO, 2012, p.255). Trazendo essa primeira dimensão para nosso objeto de estudo, é na constituição do lugar enquanto identidade onde a religiosidade atua no modo como os indivíduos definem tanto um “espaço dos possíveis” de sua identidade a partir do espaço urbano, quanto experimentam dispositivos de controle sobre os corpos e negociam cotidianamente relações entre sujeitos e objetos.

Sobre a segunda dimensão – o lugar enquanto espaço de ação cotidiana – o lugar atua na mediação entre o homem e o mundo, considerando que, segundo Heidegger (2012, apud, SERPA, 2019), “ser-no-mundo” possui uma espacialidade e uma temporalidade própria; e que essa condição, segundo Sartre (2005, apud SERPA, 2019), sempre se realiza e se constitui na presença/ausência do outro. Conforme nos lembra Serpa (2019, p.49), “nem o mundo nem a paisagem são dados absolutos ou externos aos seres humanos, mas se constituem neles e a partir deles, o que torna paisagem e mundo ‘universais sempre negociados’”. Nossa compreensão é de que religiosidades diferentes operam de modo diferente na constituição dessas relações e, cotidianamente, estruturam percepções e ações no espaço urbano.

No bairro Concórdia, as visitas revelaram a importância de se considerar essas duas dimensões. Na primeira visita, o percurso acabou privilegiando um olhar voltado para o cotidiano, incluindo observações dos moradores sobre as atividades realizadas na cidade, os potenciais conflitos entre as atividades e dessas com a legislação. Já o percurso da segunda visita revelou aspectos mais identitários da percepção dos moradores, por exemplo, os símbolos por eles reconhecidos e a importância de tradições realizadas como adereços no vestuário e cerimônias de proteção e agradecimento. No entanto, entendemos que o desafio é avançar na identificação das experiências intencionais e intersubjetivas da religiosidade, e qual sua relação com a percepção e ação no espaço urbano. Para tal, optamos por apresentar os fenômenos observados a partir da relação entre geografia da religião e geografia religiosa (GIL FILHO, 2012), conforme definidas anteriormente, e, concomitantemente, identificar as relações entre a percepção do espaço e o que estamos chamando de *habitus* urbano do fiel, aqui mediado pelos capitais epistemológicos empregados na construção da visão de mundo a partir do que observamos (Figura 3). Neste momento da pesquisa, temos consciência de que é um método exploratório e que ainda não possui dados empíricos devidamente sistematizados para legitimá-lo. No entanto, pretendemos a seguir demonstrar sua pertinência enquanto possibilidade teórico-metodológica de avançar com a investigação em curso.

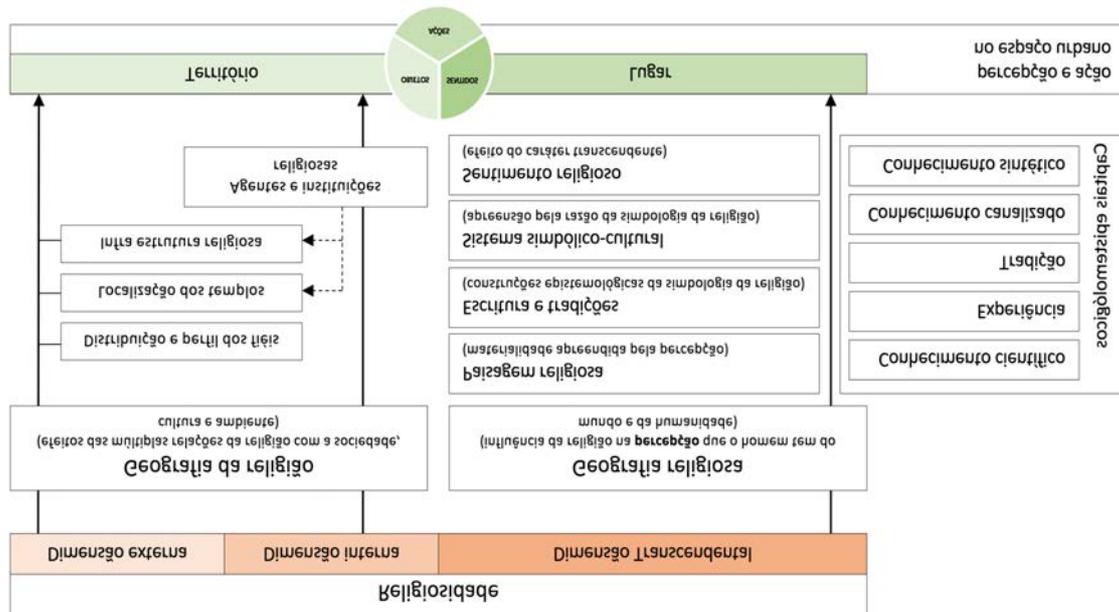


Figura 3. Esquema teórico-metodológico utilizado
 FONTE: Elaborado pelo autor.

No Concórdia, conforme demonstrado, a geografia da religião confere especificidade ao território na medida em que há uma coincidência maior entre a infraestrutura religiosa e o perfil dos moradores. Essa especificidade afeta e é afetada pela percepção dos fiéis das religiões de matriz africana e reforçada por mecanismos de sacralização do espaço relacionados à ancestralidade, símbolos religiosos e presença do sentimento religioso no cotidiano. Trata-se de uma geografia religiosa orientada pela percepção de uma paisagem pautada por símbolos nas fachadas das edificações, quintais arborizados e arquitetura residencial que fortalece o conhecimento tradicional ancestral de parte dos moradores. Em outros contextos, essa leitura é evidenciada pela pesquisa, sobretudo em relação à presença de terreiros, bem mais discretos e de difícil identificação para não iniciados no grupo religioso. Esse aspecto difere muito de visitas realizadas em territórios de urbanização precária nas áreas de expansão urbana, nos quais a presença de pequenos templos pentecostais de diferentes filiações parece conformar um território próprio que, a partir de diferentes funções (culto, redes de solidariedade, centralidade, entre outras), amplificam sua visibilidade em relação aos demais grupos religiosos. Essa geografia da religião afeta diretamente o modo como o morador/fiel percebe e age no espaço urbano e, ao mesmo tempo, faz emergir uma geografia religiosa mais visível e atuante nessa percepção e ação.

Nas conversas realizadas no Concórdia, o conhecimento ligado à tradição, sempre mediado pela ancestralidade e relação com questões raciais, foi o principal capital epistemológico mobilizado, confirmando o papel que esse capital exerce nas religiões de matriz africana. Tanto a geografia religiosa de simbologia da religião (escritura e tradições), quanto o modo como essa simbologia é apreendida pela razão (sistema simbólico-cultural) nos foram apresentados de modo atrelado à cultura do povo africano e sua resistência durante a escravidão, a tradição familiar do grupo, o tempo de moradia, os costumes, o vestuário, a culinária, entre outros. Retomando a diferenciação proposta na introdução entre movimentos “introspectivo” e “exteriorizado” da religiosidade, a tradição observada nessa religião conforma uma religiosidade “para dentro” (fé enquanto proteção e fortalecimento espiritual) profundamente imbricada a uma religiosidade “para fora” identificada nos objetos e rituais naturalizados desde a criação e cotidiano do fiel, conformando suas próteses externas de proteção. No entanto, o movimento “exteriorizado” orientado para a expansão e difusão da religião, diferentemente do que observamos em outros grupos religiosos, não é tratado como prioridade de expansão da religião, mas como uma estratégia de afirmação e proteção da identidade do grupo. Trata-se de um comportamento relacionado com dimensões externas às quais o grupo está submetido (histórico de perseguições, vulnerabilidade e preconceito) e,

também, a dimensões internas dessa religião como a crença na presença espiritual dos orixás e ancestrais no mundo material (PRANDI, 2001).

Nesse sentido, nas religiões de matriz africana um outro tipo de capital epistemológico, o capital canalizado, parece ser mais intensamente mediado e legitimado por conhecimentos tradicionais e experimentados do que em outros grupos religiosos. Esta característica está relacionada com duas especificidades da dimensão interna dessa religião. A primeira, a autonomia de cada terreiro em relação à interpretação e liturgia (PRANDI, 1990; CÔRREA, 2006), o que permite que cada mãe e pai de santo seja a autoridade local que define aspectos relacionados com a interpretação e regras para seu exercício. A segunda, também ligada à dimensão interna dessa religião, uma distinção mais complexa entre o bem e o mal, ampliando o espaço de interpretação e livre arbítrio dos fiéis, sobretudo quando comparado a outros grupos religiosos.

Essa especificidade do capital canalizado nos leva a mencionar o capital sintético, tal como definido por Robertson (2012). Com menor controle institucionalizado e maior espaço para interpretações, em um mundo com amplo acesso à informação, há um risco de que o capital canalizado pelos mestres seja confrontado por seus aprendizes que passam a ter mais dados e uma rede mais ampla de difusão de interpretações não mediadas pela tradição e com uma temporalidade mais curta do que a temporalidade cerimonial e condicionada pela realização e cumprimento de atividades e rituais (PRANDI, 2001). Nas conversas realizadas, houve alguns momentos em que esse tipo de incerteza surgiu, inclusive na forma de potenciais conflitos geracionais, sempre remediados pela crença na tradição e ancestralidade como principal ponto de estabilização. Outro fator que contribui para essa estabilização, sobretudo em territórios como o Concórdia, é a existência de uma rede densa de vizinhança e encontros entre grupos, consolidando interpretações e colocando eventuais dissidências em constante discussão pelo grupo, embora a autonomia de cada terreiro seja respeitada. Nesse aspecto, o costume de festas periódicas a partir do convite de outros grupos, não só locais, mas também em escala regional, contribui para essa estabilização.

Um dos aspectos observados pela pesquisa, mas que demanda ampliar a investigação, é o modo como essa postura se diferencia da reação pentecostal a uma tendência semelhante, qual seja, o deslocamento de uso do capital canalizado em detrimento do capital sintético. Nos grupos pentecostais com os quais tivemos contato verificamos uma importância muito grande dada à expansão da religião e um pouco peso conferido ao papel da tradição. Em relação à expansão, ainda que essa seja uma característica recorrente em religiões cristãs de caráter missionário, no grupo pentecostal a expansão se apresenta como projeto prioritário de avanço da religião sobre o mundo secular, incluindo a conversão de fiéis de outras religiosidades (PRANDI, 2004; MARIANO, 2014). Em relação ao papel da tradição, há no pentecostalismo um claro deslocamento do olhar para o futuro que rompe ou reinterpreta tradições cristãs consolidadas em outras nomeações. Nesse sentido, a investigação do pentecostalismo a partir de inflexões recentes no papel de capitais epistemológicos canalizados e sintéticos de modo atento a como isso opera em outras religiões seria uma frente de investigação complementar da pesquisa da qual o artigo faz parte.

Aproximando nossa discussão para a leitura do espaço urbano, as visitas e conversas realizadas chamam a atenção inicialmente para o papel da casa enquanto espaço do culto, festa e residência. Para além da conformação espacial dos terreiros brasileiros, tal como descrita pela literatura (PRANDI, 1990; CÔRREA, 2006), na qual o espaço reduzido reproduz condições regionais do continente africano, a presença da residência imbrica de modo muito mais complexo o cotidiano e a religião. Essa foi, a nosso ver, a principal diferença entre as duas casas visitadas, da D. Neuza e da D. Isabel, e os demais terreiros, onde o cotidiano residencial estava em segundo plano em relação à sua organização institucional. A presença de familiares, o funcionamento da cozinha, as obras em andamento, o entra e sai de pessoas, animais de estimação, sons de vida cotidiana, são fatores que modificam a ambiência e, de um lado, afetam a percepção dos visitantes e, de outro, conformam um lugar e um território próprio no qual as anfitriãs se protegem e expandem sua religiosidade com maior segurança e espontaneidade.

A dimensão transcendental dessa espacialidade é estruturada a partir da crença na presença de ancestrais e orixás que exercem funções específicas e demandam ações e orações naturalizadas pelos frequentadores. Essa característica, ao mesmo tempo que configura um lugar de grande simbologia, possibilita uma territorialidade fluida, uma vez que a mesma presença é transposta para outros espaços, não havendo a distinção entre espaço sagrado e profano. Essa espacialidade fluida é outro ponto de entrada que permite comparar com o pentecostalismo, cuja expansão se estrutura em uma hierarquia de templos com grande capacidade de fundar territórios com agilidade e eficiência maiores que, por exemplo, os templos católicos (MACHADO, 1996).

Continuando a análise dos capitais epistemológicos e sua articulação com o espaço, importante retomar um aspecto central da tradição nas religiões de matriz africana, o modo como tradição e experiência estão imbricados e vivos no cotidiano dos fiéis. Nas conversas com D. Neuza e D. Isabel, a história de vida das duas mulheres e o que ambas aprenderam no cotidiano de cuidado com o grupo era continuamente acionado e articulado à tradição, convertendo a experiência em sabedoria, exemplo e ensino para seus interlocutores a partir de fatos e dificuldades do cotidiano. Essa característica contribui ainda mais para uma percepção de proximidade com a religião, na qual o espaço exerce mediação direta com a dimensão transcendental.

Por fim, pode-se pensar a presença do capital científico a partir dos esforços de recuperação e divulgação de um saber ancestral, tradicional e profundamente mediado pela experiência, que pode ser encontrado nas ervas, chás e tratamentos, além da arte, comportamento e tantos outros. A partir desses esforços, há uma produção intensa atrelada a visões decoloniais e interessadas na compreensão dessa visão de mundo. Em termos espaciais, há uma proximidade muito grande entre estes esforços e os conceitos de lugar e território, com estudos importantes relacionados à questão racial e geografia da religião.

Considerações finais

O artigo propõe uma discussão exploratória de articulação e aplicação de conceitos de diferentes campos de estudo, buscando ampliar as dimensões de análise do fenômeno religioso no espaço urbano. Inserido em uma pesquisa mais ampla e que trabalha com a comparação entre o comportamento de diferentes grupos religiosos no espaço urbano, utilizamos as visitas e conversas realizadas em um bairro pericentral de Belo Horizonte para lançar esse olhar sobre as religiões de matriz africana.

A diferenciação entre três dimensões do estudo religioso – interna, externa e transcendental – e a diferenciação entre a geografia da religião e a geografia religiosa, nos ajuda a melhor sistematizar a complexidade do tema e possibilitar uma compreensão integrada com a constituição de lugares e territórios na cidade contemporânea. O estudo do bairro Concórdia nesse sentido, considerando as especificidades históricas e de constituição de sua população e religiosidade, possibilita aplicar esses conceitos em contexto no qual a interface entre os campos é acentuada e, por isso, faz emergir questões que fazem avançar o campo de pesquisa sobre o assunto.

Sobre o nosso primeiro argumento, observamos nas conversas realizadas um comportamento interiorizado das religiões de matriz africana profundamente imbricado ao sistema de objetos que funcionam não apenas como proteção em relação ao mundo material/secular, mas como sustentáculo e dispositivo para acessar a fé no cotidiano. O comportamento “para fora”, no entanto, em sua dimensão voltada para a expansão, adquire um caráter mais de construção de identidade do que conversão de novos fiéis, diferindo de outros grupos religiosos estudados. Sobre o segundo argumento, o papel dos capitais epistemológicos foi considerado uma chave de análise eficaz para avançar no desvelamento do que estamos chamando de habitus de percepção e ação no espaço urbano, demandando, no entanto, uma ampliação de estudos aplicados em menor escala e em contextos adversos. Esse desdobramento da pesquisa inclui também a comparação com o

comportamento de outros grupos religiosos, conforme sugerido pontualmente nas menções ao pentecostalismo e demais religiões ao longo do artigo.

Referências

CASTREE, N., KITCHIN, R., ROGERS, A. *A Dictionary of Human Geography*. Oxford University Press, 2003.

CORRÊA, A. M. O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 51-62, 2006.

DROOGERS, André. The power dimensions of the Christian community: an anthropological model. In: *Play and Power in Religion*. De Gruyter, 2011. p. 143-168.

FERRARI LIMA, Junia Maria. Bairro Concórdia em Belo Horizonte: entrave ou oportunidade à cidade-negócio. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Arquitetura da UFMG, 2009.

FREITAS, Daniel Medeiros de; LIMA, Carolina M. Soares; PATARO, Bernardo. M. Idealização do mundo e leitura do lugar nos espaços de religiosidade: Entrevistas realizadas nos territórios populares de Belo Horizonte. *Indisciplinar*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 124–149, 2021.

FREITAS, Daniel Medeiros de; FERREIRA, Gabriella Sevilha. Religião e espaço urbano: leitura do lugar e mapeamento dos espaços de religiosidade em Belo Horizonte-MG. XXV Congresso de Arquitetura ARQUISUR. 5 a 7 de outubro de 2022. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

GASPARINO, Isabel Casimira; TORRES, Júnia. O Reino nas ruas. *Piseagrama*, Belo Horizonte, nº 15, 2021, p. 2-9.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. *Revista Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. Vol. X, núm. 205, 2006.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petropolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. *Revista Espaço e Cultura*, n2. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996 - p36-49.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 176-185.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: Candomblé e umbanda no Brasil no século XX. *Tempo Social*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 49-74, 1990.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n.47, p. 43-58, 2001.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n.52, p. 51-66, 2004.

RÜPKE, Jörg. *Religião Urbana: uma abordagem histórica*. Curitiba: Appris, 2022.

- SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SERPA, Ângelo. Por uma geografia dos espaços vividos. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito - Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, F. & MENEZES, R. (Org.). As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 (p.161-172)
- MAFRA, Clara. O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul. Revista Interseções [Rio de Janeiro] v. 13 n. 1, p. 136-152, jun. 2011.
- MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 328p.
- ROBERTSON, David. G. Legitimizing claims of special knowledge: towards an epistemic turn in religious studies. Temenos: Nordic Journal of Comparative Religion, v.57, n.1 p.17-34, 2021.
- SPYER, Juliano. Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020
- TUAN, Y. F. *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values*. New York: Columbia University Press, 1990.